

JUVENTUDES E PROTAGONISMO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE PRESIDENTE PRUDENTE – SP, NA ESCOLA E NA CIDADE.

Victor Ananias Nascimento Carnevali

victorcarnevali04@gmail.com¹

Arnaldo dos Santos Amorim

arnaldo.dossantosamorim@gmail.com²

Resumo

Existem diversas obras acadêmicas na Geografia que permeiam a temática do espaço escolar, dos jovens e do ensino de Geografia, afim de melhor entender quem são esses sujeitos jovens que estão inseridos em diferentes contextos históricos e sociais que geram uma ampla diversidade de culturas juvenis dentro e fora da escola. Pensando o espaço escolar se torna necessário ressaltar que este é instituído por diferentes sujeitos, sendo eles, Professores, coordenadores escolares, funcionários e estudantes que vão se confrontar diariamente em torno de seus sentidos de escola e visões do outro, num campo de relações de poder. Embora tenhamos geógrafos/as preocupadas em entender e dialogar com a juventude, não é a Geografia a ciência que inicialmente aborda essa temática e se preocupa em delimitar o que é a juventude, mas sim os campos da Sociologia e Psicologia. No que tange à metodologia utilizada no desenvolvimento desse trabalho, pode-se dizer que três frentes foram utilizadas para que conseguíssemos alcançar os objetivos propostos, sendo elas, observação participante, questionários e entrevistas. Ao tratarmos da juventude na escola, cabem a nós as seguintes indagações: quem são esses jovens? O que buscam no espaço escolar? E como podemos contribuir para que a direção pedagógica e Professora encarem esses jovens como sujeitos sociais ativos e com histórias e desejos próprios, o que implica ampliar os canais de reconhecimento mútuo e comunicação, tal como trazemos na proposta original? Embora o aumento da preocupação com a temática juventude vem se destacando no últimos anos, a escola ainda tem uma grande dificuldade em compreender quem são os jovens estudantes devido à sua grande heterogeneidade de experiências, contextos e culturas, pois cada vez mais este buscam por autonomia no movimento construção de sua identidade. Autonomia que nunca é total, uma vez que precisam negociar constantemente com um campo de possibilidades que têm diante de si, nos próprios contextos

¹ Graduando em Geografia, UNESP, Presidente Prudente – SP, Pesquisa financiada pelo Projeto Núcleo de Ensino.

² Graduando em Geografia, UNESP, Presidente Prudente – SP, Pesquisa financiada pelo projeto Núcleo de Ensino.



socioespaciais nos quais estão inseridos. Dessa forma, procuramos entender como em uma escola da rede estadual de ensino, do município Presidente Prudente – SP, olha para os alunos.

Palavras-chave: Espaço Escolar; Juventude; Ensino de Geografia;

Introdução

Existem diversas obras acadêmicas na Geografia que permeiam a temática do espaço escolar, dos jovens e do ensino de Geografia, afim de melhor entender quem são esses sujeitos jovens que estão inseridos em diferentes contextos históricos e sociais que geram uma ampla diversidade de culturas juvenis dentro e fora da escola.

Pensando o espaço escolar se torna necessário ressaltar que este é instituído por diferentes sujeitos, sendo eles, Professores, coordenadores escolares, funcionários e estudantes que vão se confrontar diariamente em torno de seus sentidos de escola e visões do outro, num campo de relações de poder. Este espaço escolar também é perpassado por deliberações e normatizações advindas de outras escalas, visto que cada escola está inserida dentro de um sistema educacional mais amplo e deve responder ao Ministério da Educação e à Secretaria Estadual de Educação.

Na perspectiva adotada neste trabalho, o espaço escolar é pensado como um espaço de sociabilidades juvenis, onde jovens se encontram e tecem relações que constroem o cotidiano do espaço escolar, na maior parte das vezes em tensão com a estrutura educacional que os invisibilizam enquanto sujeitos ao mesmo tempo que os rotula como bons ou maus alunos, bagunceiros e comportados (DAYRELL, 1996).

Pensando na cidade o fenômeno da sociabilidade juvenil não se dá de forma diferente, portanto, parte-se do pressuposto que os jovens então inseridos no processo educacional muito mais amplo que aquilo que a escola julga como a educação correta a ser dada a esses diferentes jovens.

Dito isto, cabe agora ressaltar que este trabalho buscou primeiro compreender o espaço escolar e as sociabilidades que se fazem presentes no processo educativo dentro e fora da escola, ou seja, buscou-se fazer uma breve análise das espacialidades e meios de sociabilidade juvenil na escola e na cidade, a fim de responder alguns questionamentos

como: quem são esses jovens que compõem o espaço escolar e ocupam as cidades e quais conteúdos geográficos dariam conta de contemplar essa gama de diversidade e tornar as aulas de Geografia mais dinâmicas e interessantes para o público jovem, visto que a abrangência dos conteúdos geográficos pode confrontar a realidade que os jovens vivenciam no espaço urbano e, automaticamente, trazem para dentro da escola.

Juventude, escola, canais de diálogo e o ensino de Geografia: acercamento teórico e conceitual da pesquisa.

Embora tenhamos geógrafos/as preocupadas em entender e dialogar com a juventude, não é a Geografia a ciência que inicialmente aborda essa temática e se preocupa em delimitar o que é a juventude, mas sim os campos da Sociologia e Psicologia. Para os sociólogos existem várias abordagens possíveis sobre esta fase da vida que foram sedimentando um pensamento sobre a juventude ao longo do tempo. Atualmente, entende-se que experiência que jovens concretos tem desta fase de vida é variável segundo contextos e realidades distintas, conforme suas condições históricas e sociais específicas, desmistificando, assim, a ideia de juventude apenas como uma categoria natural (biológica) e etária. Juventudes, no plural, são vistas como uma construção social, que varia de acordo com os diferentes contextos culturais que o sujeito jovem faz parte (CATANI E GILIOLI, 2008).

Dado este panorama de como se desenvolve a juventude torna-se necessário entender como a juventude toma corpo no Brasil e quais elementos devem ser trabalhados para que se possa entender o desenvolvimento da juventude no país. A condição social de juventude se difundiu no mundo a partir dos anos 60 com as chamadas culturas juvenis com características cada vez mais internacionais, quando um movimento de contracultura tomou conta dos jovens na Europa e no mundo. Com isso, os jovens passaram a adquirir suas próprias culturas, modo de vestir, falar, as chamadas gírias, os estilos musicais, tudo isso contribuiu para a emergência da juventude no Brasil, também de forma bastante desigual entre as principais áreas urbanas e o interior agrário (ABRAMO, 1997).

Mesmo que a juventude tenha tomado tamanha importância, as políticas públicas que permeiam a juventude no Brasil nem sempre veem os jovens como sujeitos de



direitos, não garantem a eles o acesso a bens materiais e culturais, além de espaços e tempos onde os sujeitos jovens possam praticar a sua juventude com plenitude e liberdade (DAYRELL E GOMES, 2003). Vale destacar que as políticas públicas sobre juventude em Presidente Prudente era um importante foco da pesquisa, mas que por falta de documentos e políticas satisfatória tornou-se necessário ser deixada para segundo plano, visto que as outras vertentes da pesquisa tomaram muito tempo para ser desenvolvidas com eficácia.

Dito isto, embora o jovem tenha tal importância na sociedade moderna, Dayrel e Gomes (2003) destacam que a visão de juventude tende a ser orientada pelo olhar do mundo adulto, que vê a juventude como período de transitoriedade, em que o jovem não sabe tomar suas decisões. Juventude é encarada como um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente, portanto, há uma perspectiva de encarar a juventude de uma forma negativa.

Essa concepção está muito presente na escola: em nome do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplo do que apenas o futuro (DAYRELL, p.41, 2003).

Dessa forma, procuramos entender como em uma escola da rede estadual de ensino, do município Presidente Prudente – SP, olha para os alunos. Observamos, então, que Dayrell (2003) não foge à regra dos autores que contribuem com a temática, ao afirmar que a escola, de certa forma, separa e limita os jovens com base em suas notas e comportamentos. Essa separação se torna visível, na escola estudada, na própria construção das classes, onde os alunos “bons” ocupam salas “A” e “B”, os médios ficam entre “C” e “D” e os que são considerados “ruins” nas salas “E”, “F” e até mesmo “G”, dependendo do contingente de alunos da escola. Essa separação desestimula os estudantes e sobrecarrega o/a Professor/a, sempre forçado a “dominar” a sala para que possa lecionar. Isso também acaba ofuscando a visão que a escola poderia ter sobre estes sujeitos para além da ideia de aluno, considerando os processos educativos pelos quais estes são constituídos como sujeitos culturais fora da escola (DAYRELL, 1996).

Acreditamos que o papel da escola deve ser contribuir para as escolhas dos jovens, desta forma não os julgando ou separando segundo as notas (que tenderiam a avaliar suas

competências cognitivas em conteúdos disciplinares), ou padrões de comportamento - hiperativos ou repetentes. É papel da instituição instruí-los de forma igual contribuindo para a construção social do jovem e de seus projetos de futuro.

Desta forma, buscamos entender os jovens da escola estudada, tentando vivenciar junto aos mesmos os desafios que eles têm dentro da escola para a construção de sua própria identidade, compreender como está sua relação com os outros sujeitos que junto com eles participam da instituição do espaço educativo da escola, bem como mais especificamente sua relação com o ensino de Geografia.

No que tange à metodologia utilizada no desenvolvimento desse trabalho, pode-se dizer que três frentes foram utilizadas para que conseguíssemos alcançar os objetivos propostos, sendo elas, observação participante, questionários e entrevistas.

A observação participante é uma metodologia fundada no campo da Antropologia, pela qual o/a pesquisador/a vivia em contato direto com tribos indígenas vivenciando uma verdadeira imersão naquele contexto cultural. Esse processo não é aceito de forma simples e direta, o/a pesquisador/a precisa da aceitação do grupo a ser pesquisado. Portanto, barreiras iniciais podem surgir nesse momento de aproximação, sobretudo, por se tratar de culturas opostas, o que gera um choque inicial, mas que com o passar do tempo e a confiança transmuta-se em algo familiar para ambos e é exatamente nesse processo de familiarização com o diferente que se produz conhecimento sobre outra cultura (TURRA NETO, 2015).

O nosso movimento de observação veio a gerar um diário de campo compartilhado, um precioso instrumento de informações qualitativas que contribuiu de forma satisfatória para alcançar o resultado esperado da pesquisa, pois diariamente, após as observações, escrevíamos toda vivência no espaço escolar, o que nos ajudou a entender quem são aqueles jovens e o que eles buscam no espaço escolar

A segunda metodologia utilizada foi a entrevista semiestruturada, entendida como uma interação social controlada, uma conversa interessada e conduzida pelo entrevistador/a, com o objetivo de produzir informações para sua pesquisa



(COLOGNESE; MELLO, 1998). A entrevista semiestruturada é aquela que possui um roteiro prévio de partida, porém, o/a pesquisador/a possui total liberdade para introduzir questões que não eram previstas no roteiro, bem como de não realizar todas as questões presentes no mesmo, visto que aquela pergunta não seria pertinente naquele momento ou contexto da entrevista.

A terceira metodologia e não menos importante foi o questionário aplicado diretamente aos jovens do ensino médio. Devido ao tamanho da escola e quantidade de alunos que se faz presente diariamente no espaço escolar, buscamos o cálculo amostral para que tivéssemos um número satisfatório de entrevistados. Considerando a população da escola analisada (total de estudantes do ensino médio da escola, no período matutino) igual a 390, uma amostra populacional (n) fidedigna para aplicação do questionário descrito pode ser dada pelo cálculo e ajustamento de um determinado erro estipulado.

Dessa maneira, tem-se que o tamanho da amostra a ser utilizada é de 198 alunos, ou seja, arredonda-se para cima o número obtido. Como se trata de estudantes de uma escola, não é possível considerar valores decimais no tamanho da amostra. Tendo obtido a amostra $n = 198$ alunos.

Embora tenhamos utilizado esse cálculo descrito acima, não tivemos como aplicar essa quantidade que o cálculo nos mostrou, pois devido ao período letivo e diversos contratempos no decorrer do projeto, aplicamos apenas para os alunos que se voluntariaram a responder os questionários, sendo assim, não chegamos a um número exato como mostra o cálculo amostral, pois houve casos de 12 alunos nos acompanhar, casos em que apenas 4 alunos quiseram ser voluntários. Embora saibamos que não fosse o correto, tivemos que aplicar da mesma forma para termos respostas para a problemática que buscamos responder no projeto.

Entendendo os Jovens Escolares

Ao tratarmos da juventude na escola, cabem a nós as seguintes indagações: quem são esses jovens? O que buscam no espaço escolar? E como podemos contribuir para que a direção pedagógica e Professora encarem esses jovens como sujeitos sociais ativos e com histórias e desejos próprios, o que implica ampliar os canais de reconhecimento mútuo e comunicação, tal como trazemos na proposta original?

Com isso ao pensarmos o questionário se mostrou necessário perguntas que contemplassem a diversidade sociocultural que engloba os sujeitos que vivenciam a escola, ou seja, pensar a escola na ótica da construção social implica em compreendê-la no seu fazer cotidianos, onde os sujeitos não são agentes passivos diante da estrutura escolar (DAYRELL, 1996). Sendo assim pensamos em perguntas que fossem capazes de nos mostrar um pouco desses jovens, como o gênero, local de moradia (bairro), a religião que praticam, os locais que gostam dentro do espaço escolar, os locais que frequentam fora do espaço escolar. Todas essas perguntas pessoais foram transformadas em informações quantitativas através de gráficos que vão ser expostos no decorrer do texto.

No total foram aplicados 158 questionários, sendo que 67 a estudantes do sexo masculino e 91 do sexo feminino, ou seja, nesta pesquisa, tivemos uma adesão voluntária majoritariamente feminina. Embora tenhamos esse panorama, cometemos o equívoco grave de darmos apenas dois gêneros, o masculino e feminino, como opção no questionário e sabemos que hoje possuímos mais gêneros na sociedade. Na escola não é diferente, tivemos questionários respondido por alunos e alunas transexuais e com base na tabulação, tivemos 4 alunos transexuais na escola e todos(as) reclamam de como são tratados(as) pelos colegas, queixando-se de “piadas” de mal gosto e do preconceito diário de alguns. Acreditamos que essa diversidade no plano da sexualidade tem que ser trabalhada na escola, para que amigos e direção aprendam a respeitar as diferenças que os alunos transexuais trazem para dentro do espaço escolar, pois partimos da ideia de que a juventude é heterogênea e todos devem ter o mesmo respeito, independente das suas diferenças.

Outro ponto importante a ser destacado no espaço escolar é que mesmo as meninas sendo maioria dentro dele são as que mais sofrem preconceito e machismo por parte dos meninos da escola. Analisando os diários de campo, são comuns relatos que colocam as meninas como mal faladas, ou comparações extremamente machistas por parte dos meninos. Acreditamos que o período eleitoral que tivemos contribuiu de forma acintosa para que esses comentários viessem à tona, tomados pela propagação do discurso de ódio de um dos candidatos, que acabou se elegendendo presidente do Brasil, alguns meninos se



sentiram no direito de diminuir as mulheres presentes no espaço escolar, debatendo até com Professores(as), que lugar da mulher é em casa, que mulher tem que ganhar menos e ser totalmente submissa aos homens.

Outra pergunta levantada por nós no questionário aplicado se refere à etnia dos alunos. O resultado não foi surpreendente, visto que se trata de uma escola central de grande procura pelos pais de alunos do ensino médio do município de Presidente Prudente, sendo assim o gráfico ilustra os resultados alcançados por nós na pesquisa.

Como era de se esperar a escola é frequentada majoritariamente por brancos, sendo que do total de 158 alunos entrevistados, 81 são brancos, 32 negros, 9 indígenas, 3 amarelos, 32 colocaram a opção outro e se declararam pardos – o que somados aos negros elevam este número para 64 respondentes -, e apenas 1 não identificou a sua etnia. Visto isso, temos o panorama de que é uma escola com sua grande maioria branca, negra e parda.

Observamos que a escola possui um calendário que representa de forma superficial os negros e pardos, ao indagarmos se existem atividades que contemplem essas etnias tivemos a resposta de que acontece o dia da consciência negra, embora exista essa atividade, acreditamos que ainda é pouco frente ao racismo estrutural e velado que temos na sociedade brasileira como um todo

No que tange à religião, dos 158 alunos que responderam ao questionário, 114 deles possuem uma religião e 44 disseram não possuir.

Ao questionarmos sobre por quais motivos eles vão a escola e o que é a escola para eles, suas respostas nos mostraram que grande parte dos alunos vão para a escola para adquirir conhecimento e a enxergam de fato como um espaço para tal, nas nossas observações e conversar informais, notamos que os jovens veem a escola dessa forma, mesmo que, muitas vezes a escola não consegue atingir esses alunos, justamente por participarem de processos educativos muito mais amplos do que a escola oferece, ou seja, cada um deles é, ao chegar à escola, fruto de um conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes espaços sociais (DAYRELL, 1996). Dessa forma, esses espaços se tornam fundamentais na hora de pensar qual escola os jovens querem.

Os 158 estudantes entrevistados moram em diversos bairros diferentes do município de Presidente Prudente- SP, sendo alguns deles bem distante da escola, no que acarreta em um grande tempo gasto no percurso entre sua casa e a escola, devido ao meio de locomoção que usam³.

Acreditamos que os estudantes que tem um percurso com maior duração de tempo podem ter seu rendimento prejudicado, pelo fato de terem que acordar muito cedo, para poder ir para escola, como por exemplo um aluno que gasta cerca de 1 hora para chegar na escola, necessita sair da sua casa antes das 6 da manhã, para estar na escola as 7 horas, que é o horário de entrada.

Para realizarmos uma análise do espaço escolar, torna-se necessário viver o cotidiano da escola, sendo assim, passamos o período de um mês dentro da escola, observando como o espaço escolar é ocupado pelos alunos e como os mesmos veem esse espaço. Como já citado na metodologia dessa pesquisa, as observações vieram a gerar o diário de campo, é através dele que trocamos informações entre observantes, a partir destas análises fomos capazes de pensar um questionário que pudesse confirmar ou não aquilo que vimos no dia-dia da escola.

No que diz respeito a espaço físico da escola, não notamos grandes diferenças em relação às demais escolas estaduais que já tivemos oportunidade entrar, seja como estagiários ou alunos, pois todos os integrantes do projeto são oriundos de escolas públicas de diferentes municípios do Estado de São Paulo. A escola estudada é uma escola central de grande porte, portanto, possui bastante salas de aula e muitos estudantes, o que a torna uma escola complexa de se observar. Portanto, vale ressaltar que nossa observação se delimitou ao ensino médio, pois desde o início do projeto o ensino médio seria o alvo.

³ . Bairros: Parque Furquim, Morada do Sol, Parque Higienópolis, Jardim São Sebastião, Vila Boa Vista, Vila Angélica, Jardim Paulista, Vila Brasil, Mare Mansa, Vila Jesus, João Domingos Neto, Jardim Itapura I, Jardim Brasília, Parque Alvorada, Jardim Panorâmico, Residencial Monte Carlo, Itatiaia, Ana Jacinta, Jardim Aviação, Parque Residencial Francisco Belo Galindo, Vila Maristela, Jardim Humberto Salvador, Jardim Everest, Jardim Cobral, Conjunto Habitacional Augusto de Paula, Jardim Vila Real, Brasil Novo, Jardim Campo Belo, Parque Residencial São Lucas, Parque São Judas Tadeu, Jardim das Rosas, Residencial Tapajós, Jardim Bongiovani, Parque Residencial Servantes, Residencial Parque dos Girassóis, Bairro do Bosque, Cecap, Parque Alexandrina, Jardim Estoril, Residencial Cremonesi, Jardim Tropical, Vila Furquim, Centro, Jardim São Gabriel, Jardim Vale do Sol, Vila Comercial, Jardim Cambuci.



Para entendermos as tramas que ocorrem diariamente no espaço escolar, se torna necessário buscar informações não apenas com os alunos, mas também com a direção escolar, ou seja, Professores, Coordenadores, diretor(a), sendo assim, buscamos através de entrevistas semiestruturada esse diálogo para entendermos como esses agentes olham para os jovens e as jovens. Dito isto cabe agora esclarecer quais foram as perguntas norteadoras das entrevistas, ou seja, quais foram as perguntas fundamentais que esclarecem alguns pontos importantes da pesquisa. Separamos três perguntas que consideramos fundamentais no debate, sendo elas: “como você avalia os alunos da sua época de estudante e os alunos atuais?”; “Com o desenvolvimento da tecnologia os jovens vivem em um mundo de crescentes informações que geram uma aproximação entre eles e com as culturas juvenis, você acredita que a escola está preparada para acompanhar essas culturas? Se não, o que falta para ajudar nessa preparação?”; “Existe por parte da direção alguma orientação específica de como lidar com os estudantes do ensino médio?”. Escolhemos essas três perguntas, pois acreditamos que existe uma distância geracional muito grande entre jovens e equipe escolar, como um todo, por isso se torna muito complexo os agentes escolares olharem para os jovens como sujeitos sociais com desejos e curiosidades específica da sua época. Os estudantes representam diferentes grupos sociais, ou seja, pertencem a grupos de indivíduos que compartilham a mesma definição da realidade (DAYRELL, 1996). Sendo assim, procuramos entender as realidades dos entrevistados em seus contextos de vida para além do espaço escolar, com isso tentar fazer a aproximação desses sujeitos na escola, fazer com eles se reconheçam como sujeitos com histórias e valores diferentes e que devem ser respeitados para que a escola venha a se tornar um espaço democrático com participação de todos, para que possa construir uma escola com os jovens e não para os jovens, assim conseguindo orientá-los a fazer escolhas conscientes em suas trajetórias.

Tivemos um total de cinco entrevistados(as) sendo evidente esse abismo geracional, não apenas no sentido da idade de cada um, mas também nos avanços tecnológicos e, sobretudo, no avanço do capitalismo sobre a vida das pessoas, ou seja, esse capitalismo molda e apresenta novas perspectivas de mundo, o que era de determinada forma no período da juventude dos sujeitos entrevistados tomou outra conjuntura na juventude atual.

Outro ponto que procuramos analisar foi de como é considerada a geografia no ensino médio. Segundo alguns autores, a Geografia escolar se tornou uma disciplina vaga do ponto de vista dos alunos, embora tenhamos professores preocupados com o conteúdo geográfico e com a melhor forma de “transmitir” esse conhecimento, percebe-se uma indiferença por parte dos alunos sobre esta disciplina. Muitos são os questionamentos do porque a Geografia vem se tornando uma disciplina “chata” do ponto de vista dos alunos. Callai (1999) afirma que o ensino médio é a última etapa da vida escolar de muitos jovens, que já se preparam para buscar o mercado de trabalho, ao invés de continuar os estudos na universidade.

“É este, então, um momento da escolaridade em que o aluno pode adquirir uma cultura geral, uma visão do mundo e de suas formas de interpretação, que supere o senso comum e lhe sirva de ferramenta para seguir adiante na sua formação profissional. Nesta perspectiva, é também uma passagem para a universidade e uma preparação, o que os alunos em geral, têm considerado o mais importante do ensino médio” (CALLAI, 1999, p.63).

É exatamente nesse período que os jovens não veem motivos claros em se preocupar com a Geografia, muitos deles julgam a geografia como uma disciplina monótona e totalmente descolada do seu cotidiano. Para equalizarmos essa problemática e buscar possíveis soluções, nos preocupamos em observar o cotidiano escolar, dentre este cotidiano, as aulas de Geografia, para analisarmos se o nosso ponto norteador do projeto se fazia presente na Escola estudada. Segundo Callai (1999), os jovens não veem a ciência geográfica como tema importante na sua formação ética e dizem que a mesma é apenas uma decoreba rápida e sem sentido algum. Portanto, fomos à escola entender se o que Callai (1999) nos diz se fazia presente nos dias atuais dentro da sala de aula, visto que a pesquisa inspiradora foi desenvolvida há quase 20 anos atrás.

Passados alguns dias de observações e ao ter conversas informais com alunos, já fomos capazes de perceber que os estudantes da escola estudada, nos dias atuais, ainda possuem a mesma visão descrita por Callai (1999), muitos nos disseram que Geografia é apenas mapas e localização e que não acham uma disciplina importante para a sua formação, também notamos que as condições naturais descritas pela Geografia Física



aparecem com certo grau de relevância, o que nos faz pensar que para muitos a Geografia é apenas uma ciência que contempla a área física, deixando de lado toda contribuição da Geografia Humana, dessa forma separando o conteúdo geográfico e acarretando na fragmentação da ciência Geográfica. Embora tenham esse panorama da disciplina, uma pequena parcela percebe a importância da Geografia e de entender conceitos geográficos. Preocupamo-nos em separar algumas respostas dos questionários aplicados que ilustram de forma satisfatória o que os alunos pensam sobre a Geografia. Pedimos aos alunos no questionário que definissem a Geografia e as definições não fugiram do esperado:

Entrevistado(a) 1 “Ler mapas e saber sobre os países”

Entrevistado(a) 2 “Estudo da terra, rochas, continentes, tipo de mapas que representa a terra, o que favorece a humanidade em questão de matéria prima”

Entrevistado(a) 3 “Pra mim geografia é sobre o mundo, altitude, sobre globo, a terra, as partes do mundo, floresta, tundra, deserto e entre outro”

Existiram diversas respostas como essas em grande parte dos questionários aplicados, tendo como os aspectos físicos da Geografia o centro da disciplina para os estudantes.

Tendo essa visão, indagamos se gostam da disciplina de Geografia?

Com base em suas respostas a quantidade de estudantes que gostam da disciplina geografia é maioria, porém vemos que uma boa parte também não gosta, onde tivemos uma votação com 88 alunos que gostam de geografia, 59 disseram não gostar e 11 não souberam se posicionar. Outra curiosidade que procuramos desvendar durante a pesquisa era saber como eles avaliavam a disciplina geografia, onde obtivemos os seguintes resultados:

- A) Importante – 33%
- B) Irrelevante – 11%
- C) Chata – 25%
- D) Poderia ser melhor – 31%

A partir destes dados, parece claro que os alunos têm uma visão bem dividida em relação a Geografia, pois podemos ver que somente 33% dos respondentes a classificaram

como importante, 31% acreditam que as aulas poderiam ser melhores, 25% acham chata e 11% irrelevante.

Outra questão apresentada foi para saber se os estudantes consideram que a Geografia de algum modo está presente em seu cotidiano fora da escola e obtivemos as seguintes respostas:

- A) Sim – 83%
- B) Não – 17%

Estes dados foram de certa forma surpreendentes, diante das respostas apresentadas à questão anterior pois, mesmo com grande parte dos estudantes considerando as aulas de Geografia como chatas, irrelevantes e que as mesmas poderiam serem melhores, cerca de 131 alunos entrevistados consideram a Geografia presente no seu cotidiano fora do espaço escolar.

Para chegarmos a estes resultados, procuramos focar em três pontos, descobrir quem são os jovens da Escola, como é a vivência deles no espaço escolar e o que eles pensam sobre a disciplina Geografia, para a partir de aí concluirmos, como é a relação entre eles e a escola, como é formado o plano pedagógico da escola, se é construída para os alunos ou com os alunos.

Pelo exposto pensamos que o projeto chegou ao final cumprindo seu principal objetivo que era contribuir para o reconhecimento destas juventudes presentes na escola, para ampliar o diálogo entre professores e estudantes.

Considerações Finais

Embora o aumento da preocupação com a temática juventude vem se destacando nos últimos anos, a escola ainda tem uma grande dificuldade em compreender quem são os jovens estudantes devido à sua grande heterogeneidade de experiências, contextos e culturas, pois cada vez mais este buscam por autonomia no movimento construção de sua identidade. Autonomia que nunca é total, uma vez que precisam negociar constantemente com um campo de possibilidades que têm diante de si, nos próprios contextos socioespaciais nos quais estão inseridos.



A escola ao dividir os estudantes com base em suas notas e comportamento acaba não trabalhando de certa forma todo o repertório cultural que os jovens têm, desta forma desestimulando os alunos e os professores, que acabam tendo um desgaste maior em algumas salas, visto que ao não se reconhecerem em sua diversidade e especificidade, acabam produzindo um espaço educativo mais marcado pelas tensões do que pelos diálogos.

Os pontos principais que focamos neste projeto foram saber sobre a vida dos estudantes, pesquisar como se dão as relações no espaço escolar e, mais especificamente com o ensino de Geografia. Também tinha o propósito de identificar pelo lado da escola, como a direção, equipe pedagógica e professores encaram os jovens que estão na condição de seus alunos.

E a partir das observações, dos questionários e das entrevistas, notamos que os jovens da Escola estudada, mesmo fazendo parte de uma grande heterogeneidade, acabam se relacionando dentro do espaço escolar, porém, nem sempre estas relações são perfeitas, pois, infelizmente ocorrem casos de preconceito entre alguns alunos, isso devido a orientação sexual, gênero e também cor da pele. Sendo assim, acreditamos que estes assuntos poderiam serem trabalhados na escola, pensando formas de encarar estes preconceitos e junto com os próprios alunos construir algumas intervenções que tratem sobre assuntos que não são trabalhados na sala de aula por nenhuma disciplina específica, mas que atravessam várias delas e o próprio cotidiano escolar. Caberia assim à direção criar este campo de possibilidades e entrar mais em contato com os estudantes, que acabam tendo um diálogo maior com os professores, devido ao fato de serem mais próximos e acessíveis, já que os encontram nos corredores ou salas de aula.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5 e 6, p. 25-36, mai-dez, 1997.

CALLAI, H.C. A Geografia no Ensino Médio. **Terra Livre**, São Paulo, n.14, p.60-99, 1999.

CARRANO, P. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. **Revista Teias**, v.12, n.26, p.07-22, set-dez, 2011.



CATANI, A.M.; GILOLI, R. S. P. **Culturas Juvenis e Múltiplos Olhares**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

COLOGNESE, S.; MELLO, J. L. B. A técnica da entrevista na pesquisa social. **Caderno de Sociologia**. Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.

DAYRELL, J.. A escola como espaço sócio-cultural. In: _____. (org.). **Múltiplos Olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996. p. 136-161.

DAYRELL, J.T.; GOMES, N.L. Formação de agentes culturais juvenis. In: ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UFMG, 6, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: PROEX; UFMG, 2003. p. 1-4.

TURRA NETO, N. Vivendo entre jovens: a observação participante como metodologia de pesquisa de campo. **Terra Plural**, Ponta Grossa, v.6, n. 2, p. 241 – 256, 2012.

TURRA NETO, N. Espaço e lugar no debate sobre território. **Geograficidade**, Niterói, v. 5, n. 1, p. 52-59, 2015.